

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v13i30.13874>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

INFLUÊNCIA DE MAURICE BLONDEL NAS POSIÇÕES FILOSÓFICAS DE HENRIQUE CLÁUDIO DE LIMA VAZ

Maurice Blondel's influence on philosophical positions of Henrique Cláudio de Lima Vaz

Cláudia Maria Rocha de Oliveira
FAJE, MG

Resumo: Neste artigo propomos pensar a respeito da influência de Maurice Blondel sobre a filosofia de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Não temos aqui a pretensão de fazer uma avaliação exaustiva dessa influência. Gostaríamos apenas de apontar alguns elementos que possam ajudar a aprofundar essa questão, em pesquisas posteriores. Para isso, procuraremos, em primeiro lugar, identificar as referências que Lima Vaz faz sobre Blondel em suas obras sistemáticas. Em seguida, indicaremos algumas intuições de Lima Vaz que encontram amparo e referência nas obras de Blondel.

Palavras-chave: Blondel; Lima Vaz; Filosofia da Ação; Filosofia da Pessoa.

Abstract In this article we propose to think about the influence of Maurice Blondel on the philosophy of Henrique Cláudio de Lima Vaz. We do not intend here to make an exhaustive assessment of this influence. We would just like to point out some elements that may help to deepen this question in further research. For this, we will seek, first of all, to identify the references that Lima Vaz makes about Blondel in his systematic works. Next, we will indicate some intuitions of Lima Vaz that find support and reference in the works of Blondel.

Keywords: Blondel; Lima Vaz; Philosophy of Action; Philosophy of the Person.

1. Introdução

Marcelo Perine defende a tese de que seria plausível afirmar que as raízes cristãs do pensamento de Lima Vaz estão relacionadas às leituras dos textos de autores ligados a *nuvelle théologie*, ou seja, ligados aos jesuítas de Fourvière, durante os anos de estudo em Roma. O que movia os pensadores de Fourvière, e que despertava grande preocupação e incompreensão por parte da Cúria Romana, era o “desafio de se fazer ouvir pelo mundo de então”, marcado por um forte ateísmo¹. Henri De Lubac, um dos autores que o próprio Lima Vaz faz referência como sendo um dos pensadores que mais o influenciou nos anos de formação em Roma, despontava neste momento como “liderança incontestável” entre os jesuítas de Fourvière. Mas o que isso tem a ver com a influência que Blondel exerceu sobre o pensamento de Lima Vaz? A resposta é simples. Como mostra Perine, “De Lubac

¹ PERINE, Marcelo. “Compreender o que se crê. Sobre as raízes cristãs do pensamento de Lima Vaz”. In: OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de; MELO, Edvaldo Antônio de. *O desafio de pensar o próprio tempo*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022, p. 29.

exprimiam seu projeto fundamental, apoiando-se sobre Maurice Blondel². Isso se dava porque, como mostra Juvenal Savian, de acordo com Perine, os jesuítas de Fourvière se propunham a pensar o mundo contemporâneo através de um estudo sistemático de Maurice Blondel³. Em consequência, a proximidade de Lima Vaz com a obra de Henri de Lubac, o levou a se dedicar de modo intenso à leitura dos textos de Blondel e da literatura em torno do blondelismo⁴.

Logo, é possível defender que, se a tese de Perine de acordo com a qual as raízes cristãs do pensamento de Lima Vaz remontam a *nouvelle théologie*, portanto, aos jesuítas de Fourvière, pode ser afirmada como verdadeira, também é verdade que Maurice Blondel exerceu grande influência sobre seu modo de pensar filosoficamente. Isso porque, como mostrou o próprio Perine, a *nouvelle théologie* se constitui, se dúvida, como uma das referências para a reflexão proposta por Lima Vaz.

Neste artigo propomos pensar, então, a respeito da influência de Maurice Blondel sobre a filosofia de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Não temos aqui a pretensão de fazer uma avaliação exaustiva dessa influência. Trata-se apenas de uma investigação inicial que precisará e poderá ser aprofundada. Gostaria, no entanto, apenas de apontar alguns elementos que podem ajudar a pensar essa questão de modo mais apropriado, em pesquisas posteriores. Para isso, procuraremos, em primeiro lugar, identificar as referências que Lima Vaz faz sobre Blondel em suas obras sistemáticas. Veremos que, apesar do forte influxo que a proposta de Blondel exerceu sobre o pensamento cristão do século XX, Lima Vaz faz relativamente poucas referências de sua obra. Em seguida, indicaremos algumas intuições de Lima Vaz que encontram amparo e referência nas obras de Blondel. Apontaremos certo paralelo entre os escritos de Blondel e a proposta sistemática de Lima Vaz. Veremos que ambos propõem pensar o ser humano em uma visão unitária, na qual inteligência e vontade não podem ser afirmadas como realidades separadas. Além disso, tanto para Blondel como para Lima Vaz a relação entre os seres e o Criador é intrínseca e, portanto, não acidental ou contingente. Finalmente, apontaremos para a questão do sentido que se desvela a partir do próprio dinamismo da ação.

2. A presença de Blondel como referência nas obras sistemáticas de Lima Vaz

Importante ter presente que, nos índices onomásticos da maioria das obras sistemáticas de Lima Vaz⁵ a referência a Blondel é bastante reduzida. Além disso, as referências a Blondel, de modo geral, estão relacionadas a questões bastante pontuais. Apenas a título de exemplo, no índice de autores do livro *Raízes da Modernidade*⁶, não aparece nem sequer uma referência ao nome de Blondel. Na *Introdução à Ética Filosófica II*, ao falar a respeito da distinção aristotélica entre práxis, theoria e poiesis, Lima Vaz faz referência ao texto *Principe Élémentaire d'une logique de la vie morale*⁷. Essa é a única referência a Blondel ao longo de toda a obra.

Um outro exemplo do modo como as referências a Blondel nas obras sistemáticas de Lima Vaz são bastante pontuais encontra-se na *Antropologia Filosófica I*. Nela, ao falar sobre a estrutura *noético-pneumática*, Lima Vaz esclarece que usa os termos *noético* e *pneumático* em sentido distinto ao modo como os termos são usados por Blondel⁸. A referência a Blondel também aparece numa nota de apresentação da bibliografia fundamental sobre a noção de espírito⁹. Reaparece ainda ao falar sobre os quatro temas

² PERINE, Marcelo. "Compreender o que se crê. Sobre as raízes cristãs do pensamento de Lima Vaz", 2022, p. 29.

³ PERINE, Marcelo. "Compreender o que se crê. Sobre as raízes cristãs do pensamento de Lima Vaz", 2022, p. 32.

⁴ Cf. PERINE, Marcelo. "Compreender o que se crê. Sobre as raízes cristãs do pensamento de Lima Vaz", 2022, p. 27.

⁵ Consideramos como sendo as obras sistemáticas de Lima Vaz a *Antropologia Filosófica I e II*, a *Introdução à Ética Filosófica I e II* e o livro *Raízes da Modernidade*.

⁶ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

⁷ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 32.

⁸ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica I*. 8ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 177.

⁹ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica I*, 2006, p. 181.

fundamentais que devemos considerar ao abordar a categoria antropológica de *espírito – logos, nous, pneuma e synesis*¹⁰. Finalmente, no primeiro volume da *Antropologia Filosófica*, a referência a Blondel se faz presente à medida que Lima Vaz estabelece que

a incompletude e imperfeição do ato espiritual em nosso espírito finito apontam não para a incompletude e imperfeição do que é inferior – das coisas sujeitas ao fluir do tempo –, mas para a plenitude e perfeição do Espírito infinito, cuja presença abre, no cerne mais íntimo do espírito finito – interior íntimo –, a ferida de uma indigência essencial que espera e apela pelo dom de uma vida divina¹¹.

O fato de as referências a Blondel serem poucas e pontuais significaria que ele não teve influência decisiva na constituição da obra de Lima Vaz? Um dos textos que parece nos revelar o contrário é o segundo volume da *Antropologia Filosófica*. Dentre as obras sistemáticas de Lima Vaz, trata-se do texto que possui maior número de menções ao filósofo francês. Se considerarmos as indicações presentes no índice de autores, são ao todo onze referências. Nesta obra encontramos algumas indicações mais fundamentais que podem nos ajudar a compreender melhor de que modo a filosofia blondeliana foi assumida analogicamente por Lima Vaz. Vejamos mais de perto o que isso pode significar.

Ao explicitar a questão da experiência da transcendência como experiência ética do bem, Lima Vaz faz uma primeira referência ao filósofo da Ação. Ele defende que podemos encontrar “outra expressão eloquente da experiência ética do Bem na tradição filosófica cristã [...] na filosofia da ação em Mauricio Blondel”. Neste ponto do texto, Lima Vaz dedica todo um parágrafo à explicitação da dialética que nasce da “inadequação entre o que Blondel denomina a *volonté voulante*, ou a vontade no seu dinamismo essencial e profundo (*voluntas ut natura* na terminologia clássica) e a *volonté voulue* (a vontade no dinamismo do seu exercício ou da opção em face dos bens que lhe oferecem: *voluntas ut elicit*)”¹². Em nota, ele esclarece que a sua compreensão da relação de transcendência está mais próxima da “fenomenologia da ação do texto de 1983”. Indica ainda que a Trilogia blondeliana “pode ser considerada uma grandiosa orquestração especulativa das três dimensões da experiência daquela relação: experiência noética da Verdade (*La Pensée*), experiência ética do Bem (*L’Action*) e a experiência metafísica do Ser ou do Absoluto (*L’Être et les êtres*)”¹³.

A segunda referência a Blondel, que gostaríamos de destacar, diz respeito a uma espécie de comparação analógica entre o que Lima Vaz chama de “experiência eidética” e o que Blondel denomina como sendo “normatividade ontológica”. Ao explicitar que a experiência metafísica pode assumir diferentes formas, Lima Vaz distingue três tipos de experiência: a experiência da negatividade, a experiência da *inteligibilidade* do ser e a experiência *eidética*. Para o filósofo brasileiro, a experiência *eidética* ou experiência da *essência* é aquela “na qual a realidade se nos oferece na sua estrutura ordenada e sem a qual não poderíamos estabelecer uma distinção entre os seres nem perceber suas relações mútuas”¹⁴. A normatividade ontológica em Blondel, por sua vez, seria aquela que coloca “em relevo na ideia o seu aspecto de norma ou de regra interior que estrutura e orienta os seres contingentes no seu devir, atestando a sua consistência dinâmica, pois neles o ser é igualmente a norma de um agir (*agere sequitur esse*)”¹⁵. Neste ponto, Lima Vaz faz referência à obra “*L’Être et les êtres: essai d’une ontologie concrète et intégrale*”¹⁶ e defende que a metafísica blondeliana é uma metafísica da criação. Os seres são pensados na sua similitude com o Criador. Este dado parece nos revelar uma aproximação de perspectiva bastante profunda entre os dois filósofos, já que em Lima Vaz também é possível

¹⁰ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica I*, 2006, p. 183.

¹¹ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica I*, 2006, p. 222.

¹² LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 108.

¹³ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, nota 83, pp. 132-133.

¹⁴ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, p. 111.

¹⁵ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, p. 111.

¹⁶ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, nota 98, p. 134.

identificar uma metafísica que pensa a pessoa humana em referência necessária à Pessoa Absoluta, afirmada como princípio de tudo o que é.

A semelhança entre as posições afirmadas por esses dois pensadores torna-se ainda mais evidente à medida que Lima Vaz faz referência direta a Blondel¹⁷, ao defender que o princípio de limitação *eidética* torna possível afirmar o sujeito finito e situado, mas ao mesmo tempo admite que este mesmo sujeito possui uma abertura e inclinação à “infinitude do Ser, da Verdade, do Bem: de Deus”¹⁸.

Outra passagem da *Antropologia II* que nos ajuda a compreender de que modo Blondel influenciou a reflexão lima vaziana diz respeito a questão da autorrealização. Lima Vaz a relaciona à questão da abertura ao outro, compreendida como “abertura atravessada pelo apelo profundo a uma generosidade no dom de si mesmo”. Tal abertura se apresenta como “o signo de que não podemos realizar-nos a nós mesmos senão como abertos à infinitude do ser”¹⁹. Em consequência, a relação com o absoluto é uma relação constitutiva, condição de possibilidade para que o ser humano se torne ele mesmo. Ao que tudo indica, Lima Vaz parece ter herdado essa posição da filosofia de Blondel, a quem ele faz referência ao abordar essa questão²⁰.

O tema da distinção entre *theoría*, *poíeses* e *práxis* reaparece na *Antropologia II*. Também neste caso Lima Vaz recomenda que o leitor aprofunde a compreensão a respeito da distinção lendo “as páginas luminosas de M. Blondel”²¹.

Quando o tema é a indicação da bibliografia fundamental sobre a noção de pessoa, Lima Vaz inclui Blondel. Os textos que aparecem como referência são “*L’être et les êtres*” e “*L’Action II: l’action humaine et les conditions de son aboutissement*”²². Essa inclusão não ocorre de modo fortuito ou meramente accidental. Para Lima Vaz, “o problema contemporâneo da pessoa” encontra “terreno privilegiado para o seu crescimento” graças ao “vigoroso renascimento da metafísica clássica”. Essa metafísica oferece “contribuição decisiva e fundamental” para a elaboração lima vaziana “da categoria de pessoa”. Isso se dá porque Lima Vaz nos diz que encontra na metafísica clássica “a inspiração mais profunda” para a sua reflexão²³. Ora, essa passagem é muito importante para nosso objetivo de investigar a respeito da influência de Blondel na reflexão de Lima Vaz. Isso porque ao reconhecer essa contribuição decisiva da metafísica clássica, o primeiro autor indicado por Lima Vaz, como referência, é Blondel. Além de Blondel, ele cita ainda como fontes fundamentais E. Gilson, J. Maritain, A. Marc, J. de Finance, M. Müller, B. Welte e J. B. Lotz²⁴.

Ao mostrar que a pessoa apenas se realiza à medida que se oferece como dom através de sua ação, Lima Vaz defende que é

na experiência da pessoa, ao se desdobrar no espaço intencional da intersubjetividade, que se descobre a orientação profunda do momento de autorrealização do homem e o dinamismo original do *existir* no operar – *operari sequitur* esse – que é, no homem, a passagem propriamente humana da essência na *existência*, o cumprir-se do ‘torna-te aquilo que és’²⁵.

Mais uma vez a influência de Blondel, neste ponto decisivo da reflexão de Lima Vaz, mostra-se de fundamental importância. Isso porque em seu texto Lima Vaz remete o leitor a Blondel e defende que o estudo feito pelo filósofo francês a respeito do “desdobrar-se da ação, desde a sua emergência até a sua opção decisiva em face da Transcendência” são as páginas que melhor ilustram o que ele pretende dizer ao pensar a passagem da

¹⁷ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, nota 133, p. 136.

¹⁸ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, p. 123.

¹⁹ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, p. 145.

²⁰ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, nota 15, p. 176.

²¹ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, nota 152, p. 186.

²² LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, nota 1, p. 237.

²³ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, p. 200.

²⁴ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, nota 60, p. 242.

²⁵ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, p. 210.

essência para a existência que torna possível a realização do ser humano como pessoa²⁶. Importa ter presente que em Blondel, a Ação pode ser compreendida como “um projeto de construir uma *lógica da ação*, que marque o itinerário e apoie o caminhar do homem e da sociedade em seu processo de realização, fornecendo as mediações necessárias a este processo”²⁷. Em consequência, o tema da realização presente na obra de Lima Vaz também aparece como fundamental ao projeto blondeliano.

Finalmente, ao defender que a *realização final* da pessoa se apresenta como termo do seu dinamismo mais profundo, pode ser pressentida, mas não pode ser conquistada pela vontade nem pensada em termos positivos pela razão, Lima Vaz remete mais uma vez à Blondel²⁸ que, para ele, é quem o ajuda a pensar o mistério da “nossa presença no mundo” que é, por sua vez, atravessada e penetrada pela “presença atuante de uma Inteligência infinitamente bondosa e de um Amor infinitamente verdadeiro”²⁹.

Ora, as indicações que encontramos na *Antropologia II*, como foi possível visualizar, nos mostra que, ao que tudo indica, Blondel é sim um dos autores que influenciaram de modo decisivo a reflexão de Lima Vaz. Neste caso, a tese de Perine a respeito da relação de Lima Vaz com os jesuítas de Fourvière parece realmente fazer sentido. Contudo, Lima Vaz não se apropria, necessariamente, das “categorias” blondelianas. Embora, fortemente influenciado pela metafísica tal como desenvolvida por Blondel, Lima Vaz assume as intuições blondelianas e as organiza de um modo próprio elaborando seu próprio caminho de reflexão. No que se segue, apresentaremos algumas intuições de Blondel que a nosso ver foram assumidas pela reflexão lima vaziana.

3. Algumas aproximações possíveis

Um primeiro ponto que gostaria de chamar atenção diz respeito a estrutura do pensamento de Blondel que parece oferecer a Lima Vaz um modelo a ser seguido na elaboração de seu sistema filosófico. Como vimos anteriormente, Lima Vaz defende a existência de uma Trilogia blondeliana que pode ser interpretada como “grandiosa orquestração especulativa” na qual encontram-se articuladas as três dimensões da experiência metafísica: “experiência *noética* da Verdade (*La Pensée*), experiência *ética* do Bem (*L'Action*) e a experiência metafísica do Ser ou do Absoluto (*L'Être et les êtres*)”³⁰.

Se observarmos com atenção, as obras sistemáticas de Lima Vaz parecem seguir a mesma trilogia, a partir da qual também seria possível articular a experiência *noética* da verdade, a experiência *ética* do bem e a experiência do Ser ou do Absoluto. O sistema lima vaziano é constituído por uma *Antropologia Filosófica*, uma *Introdução à Ética Filosófica* e o *Raízes da Modernidade*. A tese que defendi em outro lugar é, justamente, de que a metafísica de Lima Vaz não se encontra no término do percurso sistemático, mas ela permeia todo percurso, sendo o sistema uma explicitação da experiência metafísica, a partir das três dimensões afirmadas anteriormente.

Neste sentido, a metafísica de Lima Vaz encontra-se implicada em toda a filosofia lima vaziana, que se constitui, como sabemos, como uma filosofia da pessoa. Essa tese, defendida a alguns anos atrás, parece ganhar, novamente, confirmação se considerarmos o que dissemos anteriormente a respeito do problema da pessoa. Como procuramos mostrar, para Lima Vaz a metafísica tal como pensada por Blondel oferece uma “contribuição decisiva e fundamental” para o desenvolvimento das questões que envolvem a pessoa³¹. Em consequência, nos é permitido afirmar que a metafísica blondeliana serve

²⁶ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, nota 113, p. 246.

²⁷ PIMENTEL, Alvaro Mendonça. A “Lógica da ação” de Maurice Blondel: explicitação crítica na Ação (1893). Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2008, p. 15.

²⁸ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, nota 206, p. 252.

²⁹ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, p. 236.

³⁰ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, nota 83, pp. 132-133.

³¹ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*, 1992, p.200.

como inspiração para a reflexão sistemática de Lima Vaz, que parte da noção de pessoa, passa pela concepção de pessoa moral e chega à afirmação da pessoa absoluta.

Ao perguntar sobre seu próprio ser, o sujeito se vê movido pela inteligência ao horizonte da verdade. Ele se afirma, então, como pessoa. Contudo, a compreensão do ser pessoa implica a afirmação intrínseca da existir concreto através do qual nos tornamos quem somos. A experiência *noética* da verdade remete à experiência ética do bem, com a qual está intimamente vinculada. Contudo, se a inteligência se orienta intencionalmente ao horizonte da Verdade, o existir concreto apenas se realiza como agir propriamente humano à medida que assume como norma e medida o Bem que se apresenta como horizonte da intencionalidade da vontade. Ao agir orientado pela norma do Bem, o ser humano se torna quem ele é. Apesar da redundância, o ser humano pode, então, ser afirmado como Pessoa moral. Contudo, Verdade e Bem, assumidos como ideias transcendentais, exprimem uma única realidade, que subsiste em si mesma e que se apresenta como polo intencional do dinamismo do espírito humano. Verdade e Bem, ideias transcendentais convertíveis entre si, são expressão do Absoluto que se apresenta como condição última de possibilidade do próprio existir humano. Logo, a relação com o Absoluto é intrínseca à própria existência humana, não sendo possível à pessoa humana existir como pessoa sem estar, necessariamente, em relação com a pessoa absoluta.

A interrelação entre Verdade e Bem nos revelam a existência uma unidade fundamental do espírito humano que se abre intencionalmente ao absoluto. Em consequência, inteligência e vontade são pensadas por Lima Vaz, na unidade do espírito humano, a partir de uma intercausalidade recíproca que nos faz afirmar a razão como acolhimento do ser, e a liberdade como consentimento ao ser. Essa intercausalidade se constitui como um entrelaçamento indissolúvel ao qual Lima Vaz denomina como quiasmo do espírito finito. Tal quiasmo faz com que “a inteligência passe na liberdade, assegurando-lhe o verdadeiro *bem*, e a liberdade passe na inteligência, inclinando-a à bondade da *verdade*”³².

Ora, se num primeiro momento é possível traçar, como procuramos mostrar, um paralelo entre a Trilogia Blondeliana e a proposta sistemática de Lima Vaz, este paralelo nos releva outras questões também importantes. César Izquierdo esclarece que uma das experiências que marca a reflexão de Blondel é aquela que ganha contornos históricos a partir da separação kantiana entre razão teórica e razão prática. O ser humano passa a ser compreendido, então, a partir de uma divisão interior que conduz a afirmar a inteligência e a vontade como realidades que operam de modo independente. Diante desse contexto, Blondel irá defender a unidade de inteligência e vontade na experiência da ação. Aqui ele segue a proposta de Biran, para quem não era possível haver “conhecimento propriamente dito que não estivesse ligado originariamente a uma ação da vontade”³³.

Esta percepção da necessidade de afirmar a unidade da experiência intelectual e volitiva do ser humano, que está na base da proposta de Blondel irá acompanhar Lima Vaz ao longo de seu percurso. A nitidez com a qual Lima Vaz se posiciona diante desta questão parece ser, inquestionavelmente, fruto da reflexão amadurecida da qual ele se nutriu ao se dedicar à leitura das discussões travadas pelos jesuítas de Fourvière, e mais diretamente pela leitura detida dos próprios textos de Blondel.

Uma outra questão importante que emerge do exame do paralelo entre a Trilogia Blondeliana e a proposta sistemática de Lima Vaz diz respeito, justamente, à relação entre o ser humano e Deus. Crescia, no tempo de Blondel, a experiência do ateísmo. Contudo, o ateísmo apenas faz sentido se a relação entre o ser humano e Deus puder ser pensada de um ponto de vista puramente extrínseco, ou seja, de modo accidental. Disso decorre que, acreditar em Deus implica na afirmação de uma heteronomia radical que coloca em risco a própria autonomia humana. Neste contexto, a descrença em Deus torna-se até mesmo

³² LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica I*, 2006, p. 207.

³³ IZQUIERDO, César. “Maurice Blondel, El filósofo de la Accion”. In: BLONDEL, Maurice. *La Accion (1893): ensayo de una crítica de la vida y de una ciencia de la práctica*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1996, p. XVIII.

compreensível³⁴. Logo, para Blondel torna-se fundamental pensar a relação entre ser humano e Deus de outro modo, ou seja, como uma relação intrínseca e necessária. Para Blondel era necessário mostrar que o uso rigoroso da razão não se opõe à fé revelada, mas sim, nos mostra a necessidade de afirmar Deus como exigência implícita à própria ação. Importa ter presente que, para Blondel, a afirmação de Deus não é mera questão intelectual. Trata-se de uma questão vital. Neste sentido, Blondel defende que “um dos critérios da autêntica misticidade era o alargamento, não somente do amor, mas ainda do espírito prático, da prudência experiente e da ação eficaz”³⁵. Portanto, como mostra Pimentel, “o que impressionou em Blondel foi o caráter concreto de sua filosofia, voltada não à ideia de ação, mas a ação efetiva, que encarna nossas decisões e as torna eficazes”³⁶.

Ora, se observarmos o que dissemos antes sobre a proposta de Lima Vaz, o ser humano é ontologicamente e intencionalmente orientado ao Ser. Essa orientação é condição de possibilidade para que ele se torne quem ele é, ou seja, pessoa. Logo, também para Lima Vaz, há a necessidade de pensar a relação entre ser humano e Absoluto de modo intrínseca. A relação com Deus não anula a autonomia humana. Deus não se impõe como uma realidade heterônoma que pretende determinar a partir de fora o existir concreto do ser humano. Mas, Deus se apresenta, para Lima Vaz, como condição última de possibilidade do exercício humano da própria autonomia e liberdade. Logo, a proposta blondeliana de pensar a relação entre os seres e Deus de modo intrínseco, também se apresenta como linha orientadora da reflexão lima vaziana.

Uma terceira questão que gostaria de chamar a atenção em relação a influência de Blondel sobre o pensamento de Lima Vaz, que está intimamente relacionada com a questão anterior, diz respeito a dialética estabelecida pelo filósofo francês entre a vontade que quer (*volonté voulante*) e a vontade querida (*volonté voulue*). Esta dialética se caracteriza pela inadequação entre ambas as vontades que faz com que a ação avance até se manifestar na sua inevitável transcendência. Neste sentido, “toda ação é expressão da necessidade de encontrar a superação do desequilíbrio entre o querido e o realizado”³⁷. Porém, o querido nunca pode ser plenamente alcançado, o que faz com que a ação proceda num movimento contínuo na tentativa de superar o desequilíbrio. O aparente fracasso da ação a conduz, então, necessariamente, a sua reafirmação. Isso significa que, a falta de correspondência entre o que o ser humano realmente quer e o que ele realmente faz, o conduz a querer sempre mais e é, justamente, esse desequilíbrio entre o querido e o fato que se constitui como o motor do dinamismo da própria ação. Neste sentido, César Izquierdo esclarece que

a ação parece fracassar porque naquilo que o homem quis e fez, o realizado fica sem aquém do requer do homem. Mas, esse mesmo fracasso implica a existência de uma vontade que supera as contradições da vida e os desmentidos da experiência. A presença em nós do não querido (pela *volonté voulue*) leva o sujeito a querer não um objeto, não um fato, senão o ato e o ser mesmo da vontade. Deste modo, se dá um aparente paradoxo: por um lado, é impossível deter-se, posto que a vontade quer mais; por outro lado, não pode seguir avançando, já que não há um objeto proporcionado ao seu impulso. A via que se abre, então, à vontade, “via por onde é impossível não passar”, porque é a da inevitável transcendência da ação humana, é a do “único necessário”, a da questão de Deus³⁸.

Embora Lima Vaz não utilize a terminologia adotada por Blondel, para ele também existe uma tensão naquilo que diz respeito ao que caracteriza a inteligência e a vontade

³⁴ IZQUIERDO, César. “Maurice Blondel, El filósofo de la Accion”, 1996, p. XVIII.

³⁵ DE LUBAC, Henri (org.). Blondel e Teilhard de Chardin: correspondência comentada por Henri de Lubac. Lisboa: Moraes, 1968, p. 39.

³⁶ PIMENTEL, Alvaro Mendonça. A “Lógica da ação” de Maurice Blondel: explicitação crítica na Ação (1893). Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2008, p. 12.

³⁷ IZQUIERDO, César. “Maurice Blondel, El filósofo de la Accion”, 1996, p. XXIV.

³⁸ IZQUIERDO, César. “Maurice Blondel, El filósofo de la Accion”, 1996, p. XXV.

humanas. Inteligência e vontade, dimensões constitutivas do espírito humano, na sua unidade fundamental, são marcadas por uma ilimitação constitutiva que faz com que nenhuma verdade e nenhum bem particulares possam saciar nossa sede espiritual. O dinamismo da vontade e da inteligência nos faz avançar, ir além dos dados e dos fatos, nos leva a transcender o mundo e a história. Esse dinamismo ilimitado não encontra repouso na imanência, mas possui como polo intencional o próprio Absoluto, única realidade que se apresenta, de modo definitivo, como *telos* do dinamismo da inteligência e da vontade humanas. Em consequência, o dinamismo do espírito nos refere necessariamente, mesmo que não sejamos capazes de reconhecer, ao Absoluto, fonte e origem de toda ação. Em consequência, como vimos anteriormente, a relação dos seres com Deus é uma relação intrínseca e necessária. Ela é afirmada em toda ação humana, enquanto orientada pela inteligência e pela vontade.

Finalmente, uma última questão que gostaria de abordar diz respeito ao problema do sentido. Trata-se da questão colocada no início da *Ação*. Segundo Juan Maria Isasi, “a obra de Blondel significa um gigantesco esforço por elaborar uma resposta totalizadora à pergunta pelo sentido do homem, e, por conseguinte, pelo sentido da realidade na qual ele está situado”³⁹. Além disso, para Blondel, quando através da ação o ser humano se faz em consonância e sintonia com aquilo que já é profundamente, brota da própria ação o sentido capaz de unificar o ser humano, a realidade do mundo e o sobrenatural. Isso porque, como afirma Scantimburgo, para Blondel “a substância do homem é a ação, e ele é o que ele se faz”⁴⁰. Sendo assim, o sentido não é dado pelas ciências, mas como afirma o próprio Blondel “o verdadeiro vidente é aquele que na obscuridade da contemplação se impressiona com a infinita riqueza do mistério”⁴¹.

Essa percepção de que a questão do sentido não corresponde a uma exigência meramente intelectual, mas sim a uma exigência vital relacionada à própria ação, aparece, mesmo que em perspectiva um pouco distinta, também na obra de Lima Vaz. Para ele, é ao comprometer-se com um modo de ação através do qual o sujeito pode se tornar quem ele efetivamente é, que a pessoa consegue se orientar pelo sentido profundo da própria existência. Sobre isso Lima Vaz afirma:

O ser humano é, essencialmente, *pessoa moral* [...]. Essa prerrogativa não lhe advirá *ab extrínseco* em algum momento de sua evolução futura. Sendo por *essência* um ser ético ou uma *pessoa moral*, o indivíduo humano deverá desenvolver em sua *existência* esse núcleo dinâmico que o constitui como tal em sua *ipseidade*, verificando-se também e sobretudo no domínio ético o apelo do ‘torna-te o que és’, que aponta o sentido mais profundo da vida humana⁴².

Em consequência, de modo análogo a posição assumida por Blondel, Lima Vaz defende que é do interior do próprio dinamismo da existência e, portanto, do existir compreendido como suceder de ações, que brota e se revela o sentido.

4. Conclusão

Ao considerar a tese de Marcelo Perine, segundo a qual as raízes cristãs do pensamento de Lima Vaz estão relacionadas com a proposta desenvolvida pelos jesuítas liderados por Henri de Lubac e ligados ao que ficou conhecido como sendo a *nuvelle théologie*, procuramos por pistas que nos levassem a identificar uma possível influência de Maurice Blondel nas reflexões desenvolvidas por Lima Vaz. Embora, Lima Vaz não

³⁹ ISASI, Juan María. “Significado de la Filosofía de la Acción”. In: BLONDEL, Maurice. *La Acción (1893): ensayo de una crítica de la vida y de una ciencia de la práctica*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1996, p. XLV.

⁴⁰ SCANTIMBURGO, João de. *Introdução à Filosofia de Maurice Blondel*. Instituto Brasileiro de Filosofia, 1993, p. 30.

⁴¹ DE LUBAC, Henri (org.). Blondel e Teilhard de Chardin: correspondência comentada por Henri de Lubac. Lisboa: Moraes, 1968, p. 26.

⁴² LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética Filosófica II*, 2000, p. 238.

utilize, em muitos casos, as terminologias blondelianas e proponha uma articulação da reflexão bastante própria, é necessário reconhecer os influxos da proposta de Blondel que chegaram até Lima Vaz e que, em certa medida, marcaram o seu modo de fazer filosofia.

Contudo, as indicações que fizemos neste artigo tem apenas um carácter inicial, que precisa ser aprofundo em pesquisas posteriores. Elas partem de uma dupla dinâmica. Num primeiro momento, procuramos identificar nas obras sistemáticas de Lima Vaz, passagens que nos ajudassem a compreender de que modo Blondel se faz presente nos textos do filósofo brasileiro. Num segundo momento, a intenção foi tentar aproximar posições assumidas por Lima Vaz de intuições desenvolvidas por Blondel.

Um estudo mais aprofundado, a fim de conseguir delimitar melhor o nível de influência exercido por Blondel, exigiria que essas posições pudessem ser pensadas a partir de suas semelhanças e também de suas diferenças. De todo modo, o que se mostra de modo irrecusável é que, da mesma maneira que os jesuítas de Fourvière, Lima Vaz também pretendeu fazer uma filosofia cristã capaz de dialogar com o mundo contemporâneo, caracterizado pelo pluralismo, pela diversidade de crenças e também pela presença de pessoas que dizem não crer. Além disso, como os jesuítas de Fourvière, ele também parece ter assumido como uma de suas fontes de inspiração, a filosofia de Maurice Blondel, importante pensador que influenciou enormemente o pensamento cristão, no século XX.

Referências

BLONDEL, Maurice. *La Accion (1893): ensayo de uma crítica de la vida y de una ciencia de la práctica*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1996.

DE LUBAC, Henri (org.). *Blondel e Teilhard de Chardin: correspondência comentada por Henri de Lubac*. Lisboa: Moraes, 1968.

ISASI, Juan María. “Significado de la Filosofia de la Accion”. In: BLONDEL, Maurice. *La Accion (1893): ensayo de uma crítica de la vida y de una ciencia de la práctica*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1996, p.XLV-LXII.

IZQUIERDO, César. “Maurice Blondel, El filosofo de la Accion”. In: BLONDEL, Maurice. *La Accion (1893): ensayo de uma crítica de la vida y de una ciencia de la práctica*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1996, p. XIII- XLIV.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica I*. 8ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 1992.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 2000.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

PERINE, Marcelo. “Compreender o que se crê. Sobre as raízes cristãs do pensamento de Lima Vaz”. In: OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de; MELO, Edvaldo Antônio de. *O desafio de pensar o próprio tempo*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022, p. 18-35.

PIMENTEL, Alvaro Mendonça. A “Lógica da ação” de Maurice Blondel: explicitação crítica na Ação (1893). Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade

Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2008.

SCANTIMBURGO, João de. *Introdução à Filosofia de Maurice Blondel*. Instituto Brasileiro de Filosofia, 1993.

Doutora em Filosofia (Pontifícia Universidade Gregoriana)
Professor do Departamento/Curso Filosofia (FAJE, MG)
Professor do PPG Filosofia (FAJE, MG)
E-mail: claudiamroliveira@gmail.com